

# Simonsen sugere adoção de uma retórica menos agressiva

O Brasil deveria abandonar sua retórica agressiva ao tratar com o Fundo Monetário Internacional e adotar uma retórica cooperativa, disse ontem, no Rio, o ex-ministro do Planejamento Mário Henrique Simonsen, enquanto em Brasília fontes governamentais indicavam uma mudança de posição, admitindo que alguns parâmetros dos entendimentos entre o México e os banqueiros internacionais poderão ser aceitos para o refinanciamento dos débitos do País.

O governo pretende definir com os credores até o final do ano, segundo indicaram fontes governamentais ligadas à questão da dívida, a hipótese de se estender a todo o estoque da dívida externa de US\$ 107, bilhões, o spread (taxa de risco) de 0,81% sobre a Libor, o mesmo aplicado para o México. Com isso, terá sido alcançada, sem maiores problemas, a redução das transferências líquidas de recursos para o Exterior, de 4,6% do PIB este ano para 2,5% em 1987.

A abertura para uma extensão ao Brasil do spread concedido ao México foi dada pelo ministro da Fazenda, Dílson Funaro, ao desistir da tese da inclusão, no contrato de negociação de uma cláusula de salvaguarda contra eventuais oscilações da taxa de juros.

Essa cláusula era, até dez dias atrás, uma exigência tida como inegociável pelo Brasil. Antes de embarcar para os Estados Unidos, na semana passada, o ministro do Planejamento, João Sayad, justificou amplamente a medida, afirmando que o Brasil precisava de uma espécie de seguro contra o aumento dos juros internacionais.

Segundo o ponto de vista então dominante na administração econômica, no contrato de refinanciamento da dívida seria definida uma taxa fixa de juros, a partir da qual o diferencial seria capitalizado e reescalonado nas mesmas condições da amortização do principal.

De acordo com os técnicos do governo que acompanham o desenrolar das negociações, a redução do spread não é problema maior para o refinanciamento multianual da dívida externa brasileira. O grande obstáculo continua sendo a firme determinação do governo de não submeter seu programa de ajuste à aprovação do Fundo Monetário Internacional.

## Simonsen

Para Simonsen, é "tolice" continuar com a retórica agressiva porque o Brasil é signatário do FMI e todos os países que o são, como Japão e Estados Unidos, se submetem à monitoração. Assinala que o Brasil continua sendo monitorado, "porque todo ano a Ana Maria Jul vem aqui", e só pelo fato de não buscar algum tipo de entendi-

mento o País não se beneficia de um tratamento mais favorável.

Simonsen assinalou que o Brasil não precisa de dinheiro novo e tem chances reais de voltar ao mercado de crédito internacional desde que consiga algum tipo de entendimento com o FMI. Pelo fato de estar com boa situação no balanço de pagamentos, as condicionalidades a serem negociadas nesse tipo de entendimento com o FMI seriam aceitáveis, diz o ex-ministro do Planejamento.

Ele lembrou que o México conseguiu negociar um acordo automático com os bancos privados, graças ao entendimento com o FMI, pelo qual esse acordo será, automaticamente revisto toda vez que os preços do petróleo caíam ou que o crescimento da economia mexicana baixasse de determinado patamar.

## Discurso de Reagan

A reação brasileira ao discurso do presidente Ronald Reagan, na abertura da assembléia do FMI, surpreendeu a embaixada norte-americana. "Não entendemos o destaque dado à notícia pela imprensa brasileira", disse um diplomata. "O Brasil é a oitava economia do mundo e não precisa ter esses pruridos; afinal estas coisas são normais entre grandes parceiros comerciais", completou outro.

Para os diplomatas norte-americanos, há lógica no fato de o presidente Reagan não ter estendido ao Brasil os elogios que fez ao Senegal, Costa do Marfim, Colômbia, Argentina e México, por eles terem feito reformas econômicas drásticas, combatendo a inflação, mas liberalizando a economia. "Pode ter sido melhor não citar o Brasil no exemplo, do que Reagan falar no esforço brasileiro do Plano Cruzado, mas criticando sua política de mercado fechado", afirmou uma fonte da embaixada.

— Temos fortes vínculos com os americanos. Devo reconhecer, porém, que este não é o melhor desempenho do governo dos Estados Unidos, em matéria de política externa — afirmou, ontem, em Brasília, o líder do PFL, José Lourenço.

Segundo ele "é estranho que o presidente Ronald Reagan, em seu discurso no FMI, haja elogiado as medidas adotadas na Argentina e no México e não tenha tido palavras de regozijo pelo desempenho da economia brasileira. O México e a Argentina não estão, como desejávamos, em condições, sequer, de pagar os juros da dívida que, no Brasil, está sendo quitada sem atraso. Para merecermos as homenagens do presidente dos Estados Unidos teremos de nos submeter ao FMI e deixar de pagar a quem devemos?"